

A ética universal do ser humano: possibilidades às relações educativas

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.

NUNES, Ronise¹

É certo que a interação de aprendizagens acontece de um ser humano para outro ser humano, cada um dos quais constituído único e irrepetível sujeito sócio-histórico-cultural em ininterrupta construção. Na realidade, o outro é o espelho, no qual o ser pode mirar-se e reconhecer-se humano, graças à sua origem geneticamente determinada, porém, historicamente prenhe de possibilidades, de complexidades e de significações, neste processo de socialização, de aprender a ser coerente propiciado por uma educação progressista e transformadora.

Dessa feita, Paulo Freire (1921-1997), considerado um dos grandes pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente, em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* – apresenta os fundamentos de uma proposta pedagógica fundada na *ética universal do ser humano*, entendida como absolutamente indispensável à convivência humana, centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade pessoal, bem como na necessária eticidade da prática educativa pautada na “autonomia do ser dos educandos”, a liberdade ou independência moral e intelectual, que caracteriza uma nova concepção de educação no desenvolvimento de saberes, virtudes ou qualidades necessárias à uma prática educativa especificamente humana, democrática, crítica e progressista.

Com efeito, é preciso ter consciência de que ensinar é um ato histórico, ético e coerente, comprometido social e politicamente com a manutenção ou transformação das desigualdades sociais. A natureza da prática educativa é, portanto, ética. E, enquanto prática formadora, não pode prescindir da eticidade, dos valores referentes à conduta humana, regidos pela ética universal. A responsabilidade e posição rigorosamente ética são requeridas do educador em sua vivência prática, no exercício de sua tarefa docente, para obtenção de uma ação educativo-crítica e transformadora.

Em sua linguagem correta e peculiar, Freire reflete que o estar, o ser e o viver em relação respeitosa à dimensão do outro é inestimável, visto que o ser humano não é inanimado e

¹ Mestranda em Educação – Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Alessandra Cristina Furtado – Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD.

programável, antes é um ser histórico, social e inacabado, portanto, criativo, inovador, causador, investigador, indagador e curioso. Cita François de Jacob, para reforçar a constatação de que as pessoas são “seres programados, mas, para aprender”.

A obra, pois, procura apontar caminhos a serem percorridos pelo educador democrático em sua prática docente. Segundo palavras do autor, ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, criticidade e respeito aos saberes prévios dos educandos. Ensinar também exige estética e ética, corporalização das palavras pelo exemplo, o risco, a aceitação do novo e a rejeição a qualquer forma de discriminação. E ainda, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática docente, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, pois cada ser humano carrega a sua história singular e as experiências próprias.

A começar pela prática educativa em geral, quando Freire assevera que “não há docência sem discência”, pois ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, quer dizer, há um *ciclo gnosiológico* da educação em que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 25). Assim, o autor delinea propostas às problemáticas que surgem no teor da obra e vários temas são tratados, alguns verdadeiros paradigmas, outros não.

Note-se ainda que num estilo conciso, objetivo e original o autor resgata de forma atualizada questões cotidianas do professor e muitas ideias são retomadas de outras de suas obras como, por exemplo, *À Sombra Desta Mangueira (1995)*, *Pedagogia do Oprimido (1995)*, *Cartas a Cristina (1995)*, *Pedagogia da Esperança (1994)*, *Professoras Sim, Tia, não (1995)*.

No capítulo inicial, intitulado *Não há docência sem discência*, Freire explicita a necessidade de o educador democrático-progressista, mediante a coerência do exemplo, da prática testemunhal, não discriminatória, proceder à relação, conexão, associação do conhecimento e do saber ensinado com o ensino dos conteúdos da aprendizagem, para que este possa ser transformado, construído e reconstruído na realidade concreta, no exercício da curiosidade epistemológica, criticamente indagadora, fundado na comunicação e intercomunicação dialógica, entre educador e educando. A fim de superar na escola o autoritarismo e o erro de um sistema de educação “bancário”.

No mesmo capítulo, o autor pontua que educar exige a formação inicial do educador, desde que este inicia sua escolaridade até a conclusão do ensino superior, além dos meandros de sua formação continuada, de sua formação permanente. Na realidade, “educar é substancialmente formar”. A escola é, portanto, um espaço público e material, viabilizador da atuação pedagógica, enquanto espaço escolar. Por ser palco da cotidianidade da ação educativa transformadora, esta pretende dar importância, interpretar e tomar cuidado com os gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, pois que os mesmos podem ser influenciadores, positiva ou negativamente.

Ainda no capítulo primeiro, Freire defende a prática educativo-crítica, que não pode prescindir da autoavaliação, da reflexão crítica sobre sua prática, que envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Também procura enfatizar as relações entre a prática educativa e a função social da escola ao viabilizar que o sujeito nela inserido aprenda a assumir a si como ser social e histórico, que assuma sua identidade cultural, que opte, decida e venha romper com padrões impostos e vigentes na sociedade.

Já no segundo capítulo, denominado *Ensinar não é transferir conhecimento*, o autor aponta possibilidades para a construção e a produção de novos conhecimentos, ao conceber a educação como prática de liberdade, uma educação libertadora, formadora e, por isso, ética, que visa à totalização histórica dos fenômenos sociais, econômicos e culturais que ocorrem no espaço e tempo, partindo da realidade do aluno (senso comum) para o pensamento científico.

No trabalho com as crianças, por exemplo, para o autor a postura do educador precisa ser o de auxiliador da passagem da heteronomia, submissão a princípios, regras e leis que lhes são impostas, para a autonomia, a faculdade de se governar por si mesmo. Por outro lado, no trabalho com jovens e adultos, o educador intermedeia e estimula a ruptura e superação necessária de seu estado de dependência para a conquista de sua autonomia, a autodeterminação pela qual pode escolher as leis que regem sua conduta. O aluno, portanto, deve ser motivado a criar, a participar totalmente das aulas. A relação entre professor-aluno é dialógica, aberta e indagadora. A aula deve ser dinâmica, um desafio. O exercício da curiosidade deve mover o aprendizado, também estimulado por meio das novas tecnologias educacionais.

O autor reforça então que onde há vida, há inacabamento. O mundo não é. O mundo está sendo. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. Semelhantemente, concebe a educação para o ser humano como um processo permanente que se funda na inconclusão do ser. Entretanto, é necessário ao ser humano, a conscientização de reconhecer-se indeterminado e da responsabilidade da eticidade de sua presença no mundo, para que seja inserido, como sujeito inacabado, num permanente processo social de busca. A educabilidade gerada pela curiosidade que já é conhecimento, propicia o crescimento, a construção da identidade em processo e da autonomia, enquanto ser ético, na beleza de ser gente.

Para o autor, o educador, que não pode exercer sua atividade educativa de forma neutra, precisa posicionar-se politicamente, de modo que seja coerente quanto à suas opções, decisões, liberdade, ética e ideologia. O educador progressista, não é fatalista, seu discurso não é o da acomodação e resignação, pois sabe que a mudança no mundo é difícil, mas possível.

Em face da globalização e do neoliberalismo vigente, o educador idealizado pelo autor é aquele que se dispõe a intervir criticamente na realidade, na luta rebelde contra a desumanização, a

indignidade, a opressão, a discriminação, a exclusão, enfim, contra a perversidade e injustiça do sistema social, econômico e político do *status quo* onde vive. Desse modo, tal educador acabado por proceder à leitura crítica do mundo, dos grupos populares com quem trabalha num contexto imediato e maior, com um discurso novo é social, propiciado também pela própria experiência docente.

No capítulo terceiro, cujo título é *Ensinar é uma especificidade humana*, o autor trata da concepção de aprendizagem e relata que não é possível ensinar nada sem partir de uma ideia de como as aprendizagens são produzidas. A escola, como espaço pedagógico, é um texto que precisa ser constantemente “lido”, interpretado, escrito e reescrito, ainda que nas sociedades capitalistas ela seja manipulada pelo Estado. Logo, a participação nos processos de transformação exige tomada de decisão para romper com a tradicional visão e buscar a possibilidade de construir novas alternativas, que se traduzam em atividades e materiais curriculares, inscritos na vida escolar cotidiana, vinculando a teoria e a prática, do conteúdo programático proposto.

A organização do conhecimento pode ser feita didaticamente pelo educador, mas de forma crítica e problematizadora, a partir da realidade do educando, de modo a contribuir para construir o currículo formal. Assim, abre possibilidade ao aluno de internalizar o saber por meio de uma aprendizagem significativa, na construção e reconstrução do conhecimento, para que suas ideias prévias ou alternativas se tornem relevantes, tornado então consciente, a fim de modificar a comunidade em que vive.

Em conclusão, o livro difunde a visão de ser possível destarte ampliar, ao invés de delimitar, a esfera do saber, tendo em vista que “ensinar é uma especificidade humana”, que exige do educador enorme dedicação, doação, generosidade, competência profissional técnico-científica, rigor, segurança insegura, comprometimento, liberdade, autoridade, o saber escutar, o ler nas entrelinhas, a tomada consciente de decisões e a amorosidade e alegria na relação com os educandos.

O livro, portanto, vem contribuir positivamente as reflexões em torno do processo de ensino e aprendizagem, que precisa superar o sistema bancário, para que o aprendizado se dê por meio de procedimentos rotineiros e cotidianos, mas significativamente. Os elementos fundamentais do ensino são assim assinalados: para que se ensina, o que se ensina, para quem se ensina e o como se aprende. A prática docente, portanto, investida de uma intencionalidade não deve acontecer sem a reflexão crítica das concepções que a sustentam, da explicitação que faz da realidade e do comprometimento político pedagógico que tem com a sua clientela.

A obra, pois, é dirigida ao público de especialistas na área de Educação, aos educadores e às educadoras atuantes, bem como aos estudantes que pretendem engajar-se futuramente na docência.

O debate reflexivo proposto recai sobre a prática docente e cotidiana na sala de aula, com crianças, jovens ou adultos, da educação fundamental à pós-graduação.

Depreende-se, da leitura desse trabalho, que na prática de uma pedagogia crítica, que conduza ao aprendizado da autonomia, há originalidade e equilíbrio na relação educador e educando, na qual ambos são vistos como sujeitos do ato de conhecimento, que podem reconstruir criticamente o saber, numa proposta de educação dialética e dialógica, no contexto histórico, cultural, social e político no qual se inserem.